

---

## Artigos

---

### **A Igreja e seu Rosto Histórico. Modelos de Igreja e Modelo de Igreja na Cidade**

*Pedro Carlos Cipolini*

#### **Introdução**

Muito se falou de “modelos de Igreja” até bem pouco tempo. A abordagem se colocava na busca de facilitar a compreensão das rápidas transformações havidas no interior da Igreja, logo após o Vaticano II<sup>1</sup>. Muito apreciada, esta abordagem eclesiológica dos modelos, foi simplificada por alguns e rejeitada por outros, como fator de complicação na reta compreensão da Igreja e sua missão. Não se pode, porém, desconhecer a abordagem dos modelos de Igreja, desconhecendo seu auxílio na compreensão da realidade ecles-

- 
1. Cf. RANSEY, I. T., *Models and Mystery*, New York, Oxford University Press, 1964. Este autor transpôs para a Teologia o uso científico de “modelo”, como realidade que tem suficiente correspondência funcional com o objeto de estudo e, por isso, pode fornecer instrumentos conceituais para o conhecimento e vocabulário que são adequados à formulação. O livro que se tornou referencia em relação ao tema é do recentemente nomeado cardeal A. DULLES, *A Igreja e seus modelos*, São Paulo, Paulinas, 1978. Outros autores também se utilizam dos modelos. Cf. AZEVEDO, M., *Comunidades Eclesiais de Base e inculturação da fé*, São Paulo, Loyola, 1986, pp. 229-253; MARINS, J., *Modelos de Igreja - CEBs na América Latina - para um modelo libertador*, São Paulo, Paulinas, 1977; BOFF, L., *As eclesiologias presentes nas CEBs*, em SEDOC 7 (1975), pp. 1191-1198; ALMEIDA, A. J., *Modelos Eclesiológicos e ministérios eclesiais*, em REB 48 (1988), pp.310-352; PARRA, A., *Os ministérios na Igreja dos Pobres*, Petrópolis, Vozes, São Paulo, 1991, pp. 67-98. Mais recentemente, cf. também LIBÂNIO, J. B., *Cenários da Igreja*, São Paulo, Loyola, 2000. O modelo baseia-se na estrutura **histórica** e não **dogmática** da Igreja, é necessário frisar.

sial, em uma época de grandes mudanças como a nossa. Quem deseja conhecer melhor uma realidade, um objeto, precisa de um instrumento de compreensão ou ferramenta de aproximação e abordagem, uma mediação. É neste sentido que se entende o uso dos modelos em eclesiologia.

A utilização do conceito de modelos está relacionada com o uso de imagens, que aliás é tradicional na eclesiologia, remontando-se à eclesiologia patrística<sup>2</sup>. Avery Dulles, recentemente nomeado cardeal, em seu livro bastante conhecido, frisa: “*Em épocas de rápida mudança cultural, como a nossa, é de se esperar uma crise de imagens. Muitas imagens tradicionais perdem o seu antigo poder de sugestão, ao passo que as novas imagens não tiveram ainda o tempo para ganhar todo o seu poder*”<sup>3</sup>.

Em que pese a validade e utilidade dos modelos, para facilitar a compreensão da realidade eclesial, nunca poderemos absolutizá-los, como se fosse possível encontrá-los na prática, vividos de forma ideal. A analogia nunca será perfeita entre o que retrata o modelo e o que se vive na realidade eclesial analisada, isto porque a Igreja, mistério e graça, tem propriedades com as quais, nenhuma coisa cognoscível fora da fé, pode ser comparada. Apesar de ser muito útil o emprego dos modelos em eclesiologia, é preciso estar sempre alerta, pois: “*Visto ser apenas parcial e funcional a sua correspondência com o mistério da Igreja, os modelos são necessariamente inadequados*”<sup>4</sup>, pelo que não podem ser absolutizados.

Existem duas vertentes para a consideração dos modelos de Igreja: uma é a vertente que podemos chamar de *jurídica*, baseada no princípio cristológico (poder) constitutivo da Igreja; outra vertente é

2. Cf. FRIES, H., *Modificação e evolução histórico-dogmática da imagem da Igreja*, em *Mysterium Salutis IV/2*, Petrópolis, Vozes, 1975, pp. 5-59. Cf. também, RAHNER, H., *L'Ecclesiologia dei Padri*, Roma, Paoline, 1971.

3. DULLES, A., em *o. c.*, p. 19. Importante a definição dada por A. Dulles (cf. *o. c.*, p. 21), sobre o que se entende por *modelo* em eclesiologia: “*Quando uma imagem é empregada refletida e criticamente para aprofundar a compreensão teórica de uma realidade, torna-se o que hoje se denomina modelo. Certos modelos são também imagens – a saber os que podem ser prontamente imaginados. Outros são de natureza mais abstrata, e não são imagens na acepção estreita do termo. Na primeira classe poríamos: templo, vinha, rebanho e na segunda: instituição, sociedade, comunidade*”.

4. DULLES, A., em *o. c.*, p. 27.

a assim chamada *carismática* (carisma), baseada no princípio pneumatológico também constitutivo da Igreja<sup>5</sup>. A vertente jurídica vai se preocupar mais com a organização e a salvação eterna dos indivíduos, com características fortemente hierárquica, sacramentalista, individualista, etc. A vertente carismática, acentua a preocupação com a participação, comunhão e salvação integral, caracteriza-se pelo espaço dado ao leigo, pela preocupação com o testemunho, a missão, o profetismo, a dimensão comunitária da fé, etc.

Mais que definir a Igreja no que ela deva ser na sua essência, os modelos se referem à compreensão da Igreja na sua organização em vista da missão. Assim, um modelo tido como antiquado, o é muito mais pela sua inadequação à missão hoje, do que por não corresponder à essência do que seja a Igreja. Desta forma, no modelo que podemos chamar de “Igreja Institucional”, nada tem de erro, pois a Igreja é uma sociedade visível e portanto institucional (LG 18). O que se critica é a sua articulação, baseada somente na contemplação desta realidade ou faceta, exagerando-a, como se fosse o essencial ou o mais importante.

O uso dos modelos nos evidencia d’outra parte, a realidade dinâmica da Igreja e a necessidade de se estar dentro dela para compreendê-la melhor, no dizer de Clodovis Boff, que usa a comparação dos vitrais de uma Igreja (os quais somente podem ser vistos e apreciados adequadamente de dentro dela)<sup>6</sup> para indicar o local mais adequado para a compreensão da realidade eclesial e também do próprio ser da Igreja.

O modelo não é uma propriedade do “objeto” analisado, é um instrumento do sujeito que analisa: isto deve ser bem claro quanto ao uso dos modelos na metodologia usada para a compreensão da Igreja.

5. Confirma a obra de HASENHUTTL, G. *Charisma, Ordnungsprinzip der Kirche*, Freiburg, Herder, 1969. O autor vai traçando um perfil da organização da Igreja ao longo da história, analisando a dialética do carisma e do poder. O autor coloca o carisma como princípio fundamental para a organização da Igreja.
6. Cf. *Igreja Reino de Deus, CEBs*, em BEOZZO, J. O. (org.), *CESEP/Curso de Verão ano II*, São Paulo, Paulinas, 1988, p. 65: “Toda teologia começa (e acaba) na fé. Também a eclesiologia. Frente à Igreja, a atitude fundamental é de fé. Note-se o lugar da Igreja no Credo. O Credo mostra que a Igreja pertence à ordem e ao plano da Salvação. É isso (e só isso) que a faz objeto de fé. E esta é também sua diferença frente a qualquer outra instituição humana. A essência (o coração) da Igreja só pode ser percebida a partir de dentro (como os vitrais de uma Igreja)”.

Os modelos servem igualmente para sintetizar o que já se sabe, tendo ainda a capacidade de fazer descortinar perspectivas novas na Teologia: as tendências dominantes, qual o projeto que se quer construir, qual o paradigma que ajuda a realizar melhor a missão da Igreja etc. Nenhum modelo é inválido, nenhum é supérfluo e nenhum por si mesmo é suficiente. No concreto do dia a dia, estão misturados, pois não existe nenhum modelo em estado puro. Tomado à parte, todo modelo levará a distorções, visto ser apenas parcial e funcional sua correspondência com o mistério da Igreja. Desta maneira, os modelos serão tipos ideais, utilizados para facilitar a análise da realidade eclesial e orientar a ação pastoral.

Por fim, é necessário ter presente que quando se fala de modelos de Igreja, não se pretende aludir a Igrejas diferentes, mas a modelos diferentes da mesma Igreja. Em qualquer modelo encontramos as mesmas *estruturas estruturantes* elementares e invariáveis. Encontramos também as *estruturas estruturadas*, múltiplas, variáveis. É o arranjo destes mesmos elementos, de direito divino e humano, que muda e faz diferença. Lembre-se ainda que a mudança de um modelo para outro não se dá por ruptura, mas por integração: *“Na Igreja católica, as mudanças profundas que levam a novos modelos se dão por integração e não por ruptura. A idéia de ruptura na reforma da Igreja implica em cortar a seiva, a vida de Cristo que é a vida da Igreja. Significa construir outra Igreja, sem continuidade com a anterior”*.

Podemos dizer, enfim, que a categoria de modelo, enquanto capta as tendências que atuam dentro da realidade eclesial, revela-se uma ferramenta útil. Seu uso correto evita qualquer absolutização que possa reduzir a realidade eclesial ao próprio modelo. Aquilo que se pode chamar de modelo dominante não é outra coisa que um esquema, dentro do qual, em dado momento, se dá solução ao maior número possível de problemas ou questões. O modelo hegemônico tende a se reproduzir e reforçar durante sua vigência. Considere-se ainda que a passagem de um modelo para outro não se dá assim gratuitamente. As pessoas, como as instituições, não gostam de mudar, acostumam-se ao normal e a passagem é sempre uma experiência de conversão. A reforma e a renovação fazem parte da vida da Igreja ao

longo de sua história: *Ecclesia semper reformanda*. "A *renovatio* e a *reformatio* pertencem à essência penitencial da Igreja... A Igreja precisa sempre de reformas, e de reformas profundas para que possa ser mais fiel a sua missão"<sup>7</sup>.

Enfim, o modelo vai basear-se na articulação histórica da Igreja e não na sua compreensão dogmática. Analisa a Igreja enquanto encarnada na história, e não como se define na sua essência, através das formulações dogmáticas.

## 1. Uma renovada compreensão da Igreja

Para se compreender a utilidade do emprego de modelos na abordagem eclesiológica, é necessário se dar conta, e mais que isto, compreender o cerne das mudanças acontecidas na concepção do cristianismo nos últimos decênios, principalmente no desenrolar da reflexão teológica, onde vige um acentuado pluralismo. Já não são suficientes para a compreensão dos dados da fé somente o auxílio da filosofia ou os conceitos e imagens extraídas da Teologia Tomista.

É óbvio que o núcleo central da fé (Escritura, Tradição ou Credo) não muda, mas a cada fase nova da história corresponde uma maneira nova de compreender a fé, pois a própria realidade impõe mudanças<sup>8</sup>, dado que estamos em uma fase nova da história da Igreja, talvez sem precedentes, fase de inserção da Igreja no mundo técnico-científico, capitalista e pós-moderno. Faz-se necessário atenção para perceber que a compreensão do que mudou na Igreja e sua missão somente será possível a partir da compreensão das mudanças na própria Igreja e na compreensão da concepção de salvação<sup>9</sup>.

7. BARREIRO, A., *Povo santo e pecador. A Igreja questionada e acreditada*, São Paulo, Loyola, 1994, pp.115 e 117.

8. VATICANO II, *Gaudium et Spes*, ns. 5 a 10. "Todo autêntico movimento de renovação tem dois componentes essenciais: o *ressourcement*, a volta às fontes, por um lado, e a encarnação da fé das origens nas novas situações, por outro lado", BARREIRO, A., *o. c.*, pp. 134-135.

9. Cf. BOFF, C., *O que mudou na teoria do cristianismo de vinte anos para cá*, em *Revista de Cultura Vozes*, 1 (1982), pp. 5-14. "Ciò che stiamo per vivere com immaginabili conseguenze per l'avvenire, è la nascita di una chiesa mondiale", CHENU, B., *Teologie Cristiane dei terzi mondi*, Brescia, Queriniana, 1988, p.19.

Da renovada maneira de compreender a salvação se poderá compreender a Igreja que se renova na sua autocompreensão, haurida das fontes, a partir do Vaticano II, podendo assim fugir das visões distorcidas de Igreja quais sejam:

- a. *sociologismo*, que é a visão do aspecto externo e social da Igreja sem a visão bíblica, levando a se interessar pela Igreja somente no aspecto cultural e político. Pode cair num certo positivismo eclesial, valorizando a Igreja somente enquanto pode servir à causa da melhoria da qualidade de vida.
- b. *misticismo*, visão idealista prescindindo do aspecto humano da Igreja. Leva a impedir toda crítica e promoção de reformas nela mesma; tendência ao triunfalismo e à autoglorificação.
- c. *dualismo*: existem duas Igrejas, uma visível e outra invisível (espiritual, verdadeira, invisível, conhecida somente de Deus).

A nova compreensão de Igreja deverá partir de uma compreensão de salvação que integre a fé e a vida, salvação integral, prescindindo de visões distorcidas apontadas acima. A salvação começa aqui e agora, nosso mundo é lugar e matéria da salvação, sendo que não existem duas histórias. O plano de Deus cobre toda a história e implica todos os povos, os quais aspiram a uma libertação integral. A salvação é libertação do pecado, mas também libertação de tudo o que oprime o homem<sup>10</sup> e esta salvação tem vínculos muito fortes com a promoção humana em seus aspectos de desenvolvimento e de libertação<sup>11</sup>. A salvação está intimamente relacionada com a vivência do amor-justiça ou amor-serviço (Mt 25) e não primeiramente com o culto. O Evangelho é uma mensagem de liberdade e uma força de libertação, e não existe distância entre o amor do próximo, núcleo da Nova Aliança e a vontade de justiça<sup>12</sup>. A fé vem assim unida à vida, não sendo primeiramente culto, mas sobretudo uma prática em favor do Reino. O cristianismo é uma fé histórica:

10.Cf. PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, n. 30. “O obstáculo principal a superar para uma verdadeira libertação é o **pecado**, roborado pelas **estruturas** que ele suscita, à medida que se multiplica e se expande”, JOÃO PAULO II, *Sollicitudo rei socialis*, 46.

11.Cf. PUEBLA, principalmente ns. 354 e 355.

12. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Instrução sobre a Liberdade Cristã e a Libertação*, ns. 43 e 57.

firma-se na encarnação do Verbo: “O credo cristão não é um elenco de verdades mas é um relato. Melhor: é uma proclamação: a proclamação da história da salvação”<sup>13</sup>.

Como conseqüência desta nova concepção de salvação, a Igreja deixa de se definir como “*societas perfecta*” para definir-se como “*populus Dei*”, a partir da concepção nuclear de Mistério/sacramento. Trata-se de perceber a Igreja a partir de sua missão radical de “diákona” ou servidora da humanidade, do Reino de Deus, na linha do que escrevia Bonhoeffer, dizendo que a Igreja é Igreja somente quando existe para os outros<sup>14</sup>. A Igreja se coloca relativa ao Reino de Deus, o que faz emergir sua função profética. Isto faz ruir antigos esquemas de compreensão da Igreja tais como “Senhora” (triumfalismo), “Mestra” (integrismo) e “Soberana” (cris-tandade), para deixar transparecer sua missão de “Servidora”: “*À imitação de Cristo que percorria todas as cidades e aldeias, curando toda doença e enfermidade em sinal da vinda do Reino de Deus, a Igreja por seus filhos se liga aos homens de qualquer condição e particularmente aos pobres e aflitos, dedicando-se a eles prazerosamente*”<sup>15</sup>.

## 2. Três modelos de Igreja

Os modelos podem variar muito, porém será necessário limitá-los aos mais evidentes e de incidência mais comum na prática pastoral. Aqui procuraremos reduzir este pluralismo de modelos ao mínimo necessário. Neste particular, é a unidade que facilita a explicação. A. Dulles em seu livro já citado discorre sobre cinco modelos de Igreja: instituição, comunhão, sacramento, arauto, serva.

A partir dos modelos por ele propostos e tentando uma nova articulação poderíamos ter:

### ***a. A Igreja é sujeito atuante e o mundo o objeto em que a Igreja atua***

13. BOFF, C., em *o. c.*, p. 7. Cf. também GUTIERREZ, G., *Teologia da Libertação*, Petrópolis, Vozes, 1971, pp. 125ss.

14. Cf. em GREINACHER, N. & METTE, N., *Volta das Igrejas à diaconia, legado e incumbência*, *Concilium* 4 (1988), pp. 7-11.

15. VATICANO II, *Ad Gentes*, n. 12

**Igreja-Instituição**, a concepção da Igreja a partir da hierarquia e do seu aspecto institucional. Acentua a visibilidade e a organização, o lado externo da Igreja.

*b. A Igreja dialoga com o mundo visto como lugar teológico, busca discernir os sinais dos tempos*

**Igreja sacramento-comunhão**, modelo do Vaticano II que se procura colocar em prática no âmbito geral da Igreja. Conceitos de Corpo de Cristo e Povo de Deus. Este é um modelo de profunda raiz na tradição eclesial, é um modelo que está entre o anterior e um modelo mais avançado.

**Igreja serve da humanidade**: a Igreja se descobre inserida na humanidade, com o dever de colaborar para o progresso temporal também (salvação integral). Abertura para os leigos e a missão no mundo.

**Igreja serve da libertação**, apresenta a feição característica da Igreja servidora na América Latina. Igreja de comunhão (conceito teológico) e participação (conceito político) conforme se expressa em Puebla (cf. n. 179). A ação eclesial por excelência é direcionada para a busca do Reino de justiça e paz no empenho pela vida.

Há ainda o modelo mais desenvolvido no meio protestante tradicional, com influência também em alguns eclesiólogos católicos, (H. Küng, por exemplo), que é o modelo de **Igreja Arauto ou Proclamadora da Palavra**. Aqui a Igreja tem um papel autoritário de proclamar o Evangelho como mensagem divina à qual o mundo deve acatar humildemente.

Cada modelo vai acentuar determinadas qualidades referenciais que caracterizarão o conjunto. Como já foi dito, e nunca é demais repetir, o modelo vai basear-se na estrutura histórica e não dogmática da Igreja. Aqui vamos contemplar **três modelos**, porque entendemos que basicamente podemos reduzir a variedade de conceituação dos modelos a três grandes modelos emblemáticos quais sejam:

- ▶ **Modelo de Igreja institucional ou tradicional** que vigorou praticamente da Idade Média até às vésperas do Vaticano II. Neste modelo, a Igreja hierárquica ensina, santifica e governa com a autoridade divina conferida por Cristo. Aos fiéis cabe obedecer.

- ▶ **Modelo de Igreja sacramento/comunhão** que emergiu do concílio Vaticano II (1962-1965). Neste modelo a Igreja é considerada como corpo de Cristo e Povo de Deus, crescendo para atingir a perfeição final no Reino escatológico. Igreja é entendida como manifestação visível (sacramento) da graça de Cristo em benefício da comunidade humana. É um modelo que podemos chamar de ponto de chegada do modelo anterior e também ponto de partida.
- ▶ **Modelo de Igreja Servidora da libertação integral.** “*Não só os membros individuais da Igreja mas a própria Igreja podem transformar-se em serviço altruístico dos pobres e oprimidos. Pode tal serviço incluir a crítica profética das instituições sociais e assim ajudar a transformar a sociedade humana na imagem do Reino prometido*”<sup>16</sup>. A tarefa da Igreja aqui é manter viva nos homens a esperança no Reino de Deus através de um amor vivido na busca de eficácia.

## 2.1. Modelo de Igreja institucional – sociedade

Este primeiro modelo, podemos chamá-lo de *institucional*. Parte da noção de Igreja como *Societas Perfecta* e insiste na visibilidade e estruturas da Igreja. Induz a uma visão exageradamente institucional da Igreja, pois a define preferentemente em função de suas estruturas visíveis suplantando as pessoas. Este vigoroso surto institucionalista surgiu com a reforma gregoriana, promovida pelo papa Gregório VII (1073-1085), autor do famoso código de supremacia papal intitulado *Dictatus Papae*. A obra de Gregório VII visava libertar a Igreja do poder dos leigos: imperadores e nobreza que subjugavam a Igreja. Este surto institucionalista vai se aperfeiçoando, atingindo sua consagração no concílio de Trento (1545-1565) e seu ápice no concílio Vaticano I (1870) com a proclamação da infalibilidade papal. Tudo é centralizado na instituição papal<sup>17</sup>.

A construção desta identidade institucional foi feita lenta mas seguramente. A Igreja não é vista como comunidade de iguais, em

16. DULLES, A., em *o. c.*, p.109.

17. Cf. CONGAR, Y., *Igreja serva e pobre*, Lisboa, Logos, 1964, pp. 122ss.

que os fiéis têm os mesmos direitos advindos do batismo, a Igreja é uma sociedade de desiguais<sup>18</sup>. A Igreja torna-se assim uma instituição autoritária, rígida, fechada a mudanças sociais e políticas. Mais preocupada com problemas morais, pessoais ou familiares, é oposta à participação comunitária, colocando a ênfase da sua vivência eclesial nos sacramentos (sacramentalização).

No último concílio esta eclesiologia veio adjetivada de: clericalismo, juridicismo e triunfalismo<sup>19</sup>. Este modelo tende facilmente a tornar-se rígido, doutrinário e conformista, caindo no perigo de substituir o Reino de Deus pela Igreja (eclesiocentrismo). Este modelo raramente pode ser defendido em sua totalidade. Torna-se claro, porém, que a Igreja deve ter visibilidade e por isto é uma sociedade estruturada, incluindo um ministério pastoral dotado de autoridade. Compreende-se que o acento exagerado no poder da hierarquia nasceu da necessidade de firmar o poder episcopal e papal diante dos príncipes leigos. Posteriormente, a ênfase na institucionalização tinha como objetivo combater a “*igreja invisível*” do luteranismo, conforme a eclesiologia de Roberto Belarmino.

Concluindo, podemos dizer que este modelo de Igreja gira ao redor do eixo: autoridade/obediência. Assim, o institucional-hierárquico obscureceu quase totalmente o mistério nela contido<sup>20</sup>. Hoje é ultrapassado alimentar um modelo de Igreja que enfatize tanto este lado estrutural da Igreja.

**Análise referencial de articulação deste modelo:** Do ponto de vista histórico, este modelo vai ser implementado a partir do séc. XI com Gregório VII, fortalecendo-se no século XIV após Trento e atingindo seu ápice no século XIX com o concílio Vaticano I. Sua aliança ou base social é a nobreza ou as classes dominantes. O modelo de sociedade que este modelo propõe é a sociedade hierár-

---

18. “A Igreja por força de sua própria natureza é uma sociedade desigual. Compreende duas categorias de pessoas: os pastores e o rebanho, os que estão colocados nos vários graus da hierarquia, e a multidão dos fiéis”, PAPA PIO X, *Veementer nos*, AAS 39 (1906-7), pp. 8-9.

19. Cf. Acta Concilii Vaticani II, VI. 1, pars 4, Città Del Vaticano, 1971, pp.142-144.

20. As teses deste modelo de Igreja, se acham formuladas de forma precisa nos manuais de Teologia Dogmática da época, permeados pela apologética. Cf. por exemplo, BUJANDA, J., *Manual de Teologia Dogmática*, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1952, pp.78-80.

quica ou monárquica. A ideologia é autoritária, sendo sua posição política conservadora. A estrutura de base são as paróquias tradicionais e as associações. O posicionamento social se baseia no assistencialismo, na esmola. A metodologia deste modelo pode ser chamada de educação “bancária”, a qual parte da doutrina, cria subordinação e leva à passividade. Quanto às relações internas, estão centralizadas no padre como chefe e o fiel como freguês: o clero é dono do sagrado e ao leigo cabe obedecer. A linha de pastoral se pode designar como sacramentalista. O agente de pastoral tende a ser separado do mundo, a teologia é a Teologia Escolástica, e posteriormente a teologia dos manuais. Quanto à liturgia, se baseia em ritos pré-fixados na língua latina. A leitura da Bíblia é fundamentalista e a missão é entendida como cruzada e conquista. A espiritualidade é individualista e a moral é o que se pode chamar de uma moral privada. Em linhas gerais estas são algumas características deste modelo.

## 2.2. Modelo de Igreja moderna – comunhão

Este segundo modelo, podemos chamá-lo de comunitário, usa o conceito de Igreja como comunhão o qual se harmoniza com diversas imagens bíblicas: Povo de Deus e Corpo de Cristo, por exemplo. Reagindo contra a rigidez do modelo anterior, vários teólogos do século passado popularizaram a imagem da Igreja como organismo sobrenatural, vivificado pelo Espírito Santo<sup>21</sup>. Este modelo faz uma ruptura com o anterior. As imagens de Povo de Deus e Corpo de Cristo absorvidas pelo Vaticano II<sup>22</sup>, enfatizam a idéia da Igreja como comunidade, acentua a relação entre os fiéis e o Espírito Santo e tem sólida base na Tradição cristã dos primeiros tempos.

A Igreja é o sacramento (sinal) que deve significar historicamente a graça redentora de Cristo encarnado em todas as culturas. Este é o modelo de Igreja surgido do Vaticano II, uma Igreja em diálogo com o mundo moderno. Este modelo restitui à Igreja sua mais profunda identidade: a Igreja é *mysterium*. O Vaticano II nos lega

21.Cf. MOHLER, J. A., *L'unità nella Chiesa. Il principio del cattolicesimo nello spirito dei Padri della Chiesa dei primi secoli*, (ed. 1825), tradução de Di G. Corti, Roma, 1969. A eclesiologia católica vai responder a este anseio com a encíclica de Pio XII *Mystici Corporis*.

22.Cf. *Lumen Gentium*, 7 e 9.

uma eclesiologia trinitária: a Igreja vem da Trindade, estrutura-se à imagem da Trindade e se dirige para a consumação trinitária da história (LG 1). A Igreja é um *ser na história* e não um mero *ser da história*, é humana e divina<sup>23</sup>. Este modelo traz em si uma eclesiologia bifronte, que introduz no mistério da comunidade, mas dificulta a comunhão: quando fala de participação dos leigos é aberta, quando fala de autoridade tende ao autoritarismo<sup>24</sup>. Este modelo, porém, tende a privilegiar a pessoa sobre a estrutura, o que é um grande avanço em relação ao modelo anterior.

Este segundo modelo pode levar a um excesso de entusiasmo na busca de experiências religiosas, ou de relações vivas e familiares, ou ainda, pode levar a uma autocontemplação paralisante. É o que muitas vezes tem acontecido com muitos “movimentos” surgidos no pós-concílio. Porém, mostra que a Igreja deve estar unida a Deus pela graça e, pela força desta graça, seus membros devem estar unidos uns aos outros, para fazer a Igreja ser, nos seus aspectos visíveis, sinal permanente da Trindade. No núcleo do “espírito” que orientou o Vaticano II situa-se a mudança mais marcante ou seja a descentralização, entendida como *kenose*. Em outras palavras, colegialidade, diálogo, co-responsabilidade e subsidiariedade<sup>25</sup>. O Vaticano II foi um grande avanço em termos eclesiológicos, porém, segundo alguns teólogos, deve-se superar o concílio por fidelidade ao concílio<sup>26</sup>. E a superação vai na direção de se considerar a Igreja aberta ao mundo, em diálogo com as culturas em vista de sua missão em favor do Reino.

**Análise referencial de articulação eclesial:** Quanto à referência histórica, este modelo vai se firmar a partir do Vaticano II (1962-1965), sua base social será a classe média, o concílio vai diri-

23. Cf. FORTE, B., *A Igreja, ícone da Trindade*, São Paulo, Loyola, 1987.

24. ACERBI, A., *Due Ecclesiologie, ecclesiologia giuridica ed ecclesiologia di comunione nella Lumen Gentium*, Bologna, Dehoniane, 1975. O Vaticano II tentou harmonizar enfoques eclesiológicos diferentes, como a concepção de *Societas Perfecta* tridentina com a *Communio Fidelium*, da eclesiologia de renovação conciliar. “Esta tentativa absolutamente não foi bem sucedida como sistema; exigi-lo seria exigir demais de um concílio”, KEHL, M., *A Igreja, uma eclesiologia católica*, São Paulo, Loyola, 1997, p. 46.

25. Cf. SCHILLEBEECKX, E., *La Chiesa, l'uomo moderno e il Vaticano II*, Roma, Paoline, 1969, p. 159.

26. Cf. ACERBI, A., *A recepção do Concílio Vaticano II em um contexto histórico transformado*, *Concilium* 6 (1981), pp. 108ss.

gir-se ao homem moderno, crítico e cidadão, fazendo referência somente á questão da pobreza do terceiro mundo que será tratada posteriormente a partir da doutrina social da Igreja no pós-concílio. O modelo de sociedade é a sociedade liberal que tende para o indivíduo, não raro caindo no individualismo. Sua estrutura de base será a paróquia renovada. A posição política é a posição reformista e o posicionamento social vai na direção do empenho pela promoção dos direitos humanos. Quanto à metodologia, podemos dizer que usa vários métodos modernos que parte da vivência, da consideração das realidades terrestres, levando a melhorias. As relações internas têm uma característica paternalista: o padre é o líder e o fiel o colaborador (o clero administra e coordena, o leigo colabora e participa). A leitura da Bíblia será influenciada pelo método histórico-crítico. A linha de pastoral poderia ser cognominada de espiritualista humanitária (levando em conta a pessoa). A Teologia é renovada, progressista, enquanto a liturgia se fixa em celebrações emocionais, na vida nova em Cristo. Enquanto no modelo anterior a Igreja se identificava com o Reino, aqui a Igreja se define como Sacramento do Reino no mundo secularizado (Povo de Deus). A missão é comparada ao fermento na massa, encarnacional. A espiritualidade é comunitária e reavivada em inúmeros encontros e “movimentos”. A moral é interpessoal, buscando uma santidade comunitária.

### 2.3. Modelo de Igreja servidora da libertação integral

O ponto de partida deste modelo é a Igreja servidora da humanidade, na linha do espírito conciliar, que afirma estar a Igreja a serviço da vocação pessoal e social das pessoas (GS 76), por isso, “*nada deseja mais ardentemente do que bem servir a todos*”<sup>27</sup>. Assim, a Igreja não deve ser em primeiro lugar uma instituição perfeitamente

27. VATICANO II, GS 42; Cf. BEA, A., *Servir, idéia central do Concílio, seus fundamentos bíblicos*, São Paulo, Paulinas, 1971. A idéia eclesiológica central do Concílio Vaticano II é sem dúvida o conceito de *Communio* (cf. PHILIPS, G., *L'Église et son mystère au concile du Vatican II*, v. 1, Paris, 1966, pp. 7 e 59), que aliás somente é possível no espírito de serviço. “O ponto decisivo na compreensão neotestamentária do conceito *poder, domínio*, consiste nisso: que todo exercício de poder na Igreja de Cristo deve ser entendido basicamente como um serviço, uma diaconia, e não como *archê*”, BLANK, J., *Para entender o conceito de poder na Igreja, Concilium 3* (1988), pp. 17-18.

estruturada, lugar de proclamação confessional ou de celebração cultural. Deve ser sim, em primeiro lugar o Povo de Deus convocado para viver em comunhão, capaz de viver a fé e discernir a promessa de Deus, sua aliança e sua presença atuante no meio de nós. Este modelo vai privilegiar a liberdade do Espírito em relação às instituições. “*O Vaticano II não é aqui estacionamento, mas plataforma de lançamento*”<sup>28</sup>.

Foi na América Latina que o episcopado reunido para aplicar o Vaticano II na realidade conflitiva do continente, vislumbrou um novo horizonte para o serviço da Igreja ao homem ou seja: a maioria esmagadora de pobres e miseráveis do continente. Em Medellín (1968) e Puebla (1979) a Igreja na América Latina com a sua opção preferencial pelos pobres deixa claro que o novo sujeito eclesial é o *pobre e oprimido* que clama por libertação. “*A Igreja tem o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, o dever de ajudar uma tal libertação e dar testemunho em favor dela, isto não é alheio à evangelização*”<sup>29</sup>. A Igreja vai ser concebida como acontecimento salvífico a partir do pobre e do pecador, mais que acontecimento institucional.

A noção conciliar de *Povo de Deus* (LG 9), vai ser compreendida no sentido de superar as limitações excludentes que não favorecem a comunhão (empenho pela justiça e o direito). “*A Igreja não nasce de cima para baixo como as nações a partir de um poder central. Nasce de baixo para cima a partir de grupos de base (...) O direito não funda uma realidade eclesial. Pode apenas reconhecer-lhe a existência, estruturá-la, organizá-la*”<sup>30</sup>. A Igreja é espiritual precisamente porque nasce de baixo para cima, na força do Espírito Santo, vai de Nazaré para Jerusalém. Difere das sociedades humanas nascidas pela vontade imperiosa do poder mais forte. A Igreja nasce a partir de uma comunhão que une as pessoas e comunidades. A força que permite fazer tal criação a partir da base é o Espírito Santo, sem o qual não existe Igreja. É esta a inspiração que

28. LIBÂNIO, J. B., *A volta à grande disciplina*, São Paulo, Loyola, 1983, p. 159.

29. PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, n. 30. “Os pobres deste Continente são os primeiros a sentir urgente necessidade deste Evangelho da Libertação radical e integral. Sonégá-lo seria defraudá-los e destitui-los”, JOÃO PAULO II, *Mensagem ao episcopado brasileiro* em 09.04.1986.

30. COMBLIN, J., *O Espírito Santo e a Libertação*, Petrópolis, Vozes, 1988, pp.116-117.

impulsiona as centenas de comunidades eclesiais de base (CEBs) existentes no continente latino-americano e que se apresentam como momento privilegiado deste modelo de Igreja<sup>31</sup>.

Quando se fala de Igreja servidora da libertação integral, é necessário deixar claro que a experiência de libertação está ligada à consciência religiosa, não sendo em primeiro lugar um fato político ou uma questão econômica<sup>32</sup>. Igreja servidora da libertação integral é a Igreja exercendo sua função profética em favor do Reino anunciado por Cristo. É a exigência de uma evangelização conscientizadora que leve em conta a dimensão social. Uma Igreja não só para os pobres mas uma Igreja que a exemplo de Jesus de Nazaré se faz pobre.

Prevalece a fé de que Cristo é o centro e continua dinamizando sua Igreja pela força do Espírito Santo. A autoridade é necessária, porém é serviço e não está acima da comunidade mas em meio a ela, “como quem serve” (Lc 22,27). É um modelo de Igreja que se aproxima mais da Igreja dos primeiros tempos<sup>33</sup>. Privilegia o caráter carismático e profético voltando-se para o pobre (Tg 2,5; 1Cor 1,27). O evangelho é pregado como boa-nova e não como doutrina. É uma Igreja transformadora da realidade no sentido do Reino de Deus. Poderíamos enumerar as principais características deste modelo de Igreja: dimensão comunitária, centralidade da Palavra, compromisso com a justiça, opção pelos empobrecidos, organização ministerial de comunhão e participação.

Enfim, este modelo de Igreja acentua a compaixão, a misericórdia, como atributo maior. Deus se revela no Êxodo como Deus de compaixão (Ex 34,6) que ouve o clamor dos oprimidos e vem libertá-los. É o mesmo Jesus que revela a compaixão do Pai (Lc 4,14-21; 6,36) no seu desígnio de salvação dos pobres e pecadores. É pois a misericórdia a estrutura fundamental do humano e do cristão<sup>34</sup>.

31. Cf. FERNANDES, L., *Como se faz uma Comunidade Eclesial de Base*, Petrópolis, Vozes, 1977.

32. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Instrução Libertatis Conscientia* n. 5 em AAS 79 (1987) 556 e *Libertatis Nuntio* cap. III em AAS 76 (1984) 880-881; cf. também: SCHÖKEL, L. A., *Salvezza e Liberazione: l'Esodo*, Bologna, Dehoniane, 1997.

33. Cf. LOHFINK, G., *Como Jesus queria as comunidades? A dimensão social da fé cristã*, São Paulo, Paulinas, 1987.

34. SOBRINO, J., *O princípio misericórdia*, Petrópolis, Vozes, 1994, p. 265.

**Análise referencial de articulação eclesial:** podemos dizer que este modelo vai surgir na América Latina no pós-concílio Vaticano II, a partir da noção de Igreja como Povo de Deus. É em Medellín (1968) e posteriormente em Puebla (1979) que se tornarão mais visíveis os referenciais deste modelo de Igreja. A base social será a classe popular, a imensa maioria de cristãos pobres do continente latino-americano. O modelo de sociedade proposto é a sociedade socializada, solidária ou comunitária dentro de uma ideologia democrática. A estrutura de base será a pequena comunidade (CEBs) enquanto a posição política será libertadora, a partir do Evangelho. Já o posicionamento social será a conscientização em favor da justiça do Reino. A metodologia segue a pedagogia do oprimido: questiona o sistema baseado em valores contrários ao Reino de Deus, parte da vida, cria autonomia e leva ao compromisso. As relações internas são baseadas na co-responsabilidade do padre e do leigo e a linha pastoral se funda numa “evangelização libertadora” como a chamará Medellín. O padre será o animador na força do Espírito Santo, animador de uma Igreja toda ela ministerial. O agente de pastoral deve ser inserido no mundo e a missão é caracterizada como profético-libertadora. A Teologia é a Teologia da Libertação Integral e a Liturgia busca celebrar a fé e a vida. A Igreja se coloca como servidora do Reino que começa aqui, onde a vida é promovida como dom maior de Deus. A leitura da Bíblia é feita como narrativa libertadora, narrativa da ação de Deus na história. A espiritualidade é encarnada na vida e a santidade é pessoal e social, podendo se chamar santidade política, porque é uma santidade que busca viver os valores do Reino no tocante ao empenho pela vida e o bem comum.

### **3. A questão de um novo modelo de Igreja: “o modelo urbano”**

Feitas estas considerações sobre os modelos de Igreja, surge a pergunta sobre qual modelo é mais adequado para a realidade urbana, a qual desafia de forma incisiva a própria Igreja no limiar deste novo milênio, a ponto de o papa João Paulo II considerar as

idades como novo campo de missão da Igreja<sup>35</sup>. Tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos a maior parte da população (oitenta por cento) já vive nas cidades, a parte da população que não vive nas cidades é dependente dela e vive voltada para ela ao menos através dos MCS, que hoje atingem todos os espaços do nosso Planeta circundado por quatro mil satélites que giram ao redor da Terra.

O que estamos vivendo é o início de uma nova era na qual a sociedade se estrutura “**em rede**” no dizer de Manuel Castells. No paradigma informacional em ascensão, surgiu uma nova cultura a partir da superação dos lugares e da invalidação do tempo pelo tempo “intemporal” ou seja: a cultura da virtualidade real. “*Esta é a nova estrutura social da Era da Informação, por mim chamada de sociedade em rede porque constituída de redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura da virtualidade nos fluxos globais os quais, por sua vez, transcendem o tempo e o espaço*”<sup>36</sup>. O palco onde se desenvolverá a história da humanidade daqui para frente serão as metrópoles, cuja perspectiva é a de se tornarem “megalópoles favelizadas” dado o contraste social que se acentua<sup>37</sup>.

### 3.1. Características marcantes da “civilização urbana”

O espaço aqui não permite caracterizar as cidades de forma satisfatória, são múltiplas as facetas que poderiam ser analisadas, porém aponto algumas que representam particular interesse para a finalidade proposta na presente reflexão<sup>38</sup>. Ressaltamos o avanço da

35. Cf. JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, 32. Paulo VI analisando o fenômeno da urbanização, em 1968, já havia colocado a evangelização das cidades como o desafio mais importante da Igreja no final do milênio: cf. *Octogésima Adveniens*, 10.

36. Cf. CASTELLS, M., *A era da informação: economia, sociedade e cultura (Fim de milênio)*, v. 3, São Paulo, Paz e Terra, 1999, p. 427. Nesta obra volumosa o autor produz uma nova e desafiadora análise da sociedade informacional que está plasmando os rumos da civilização urbana da qual surge o homem ciberespacial. Neste novo mundo que surge, formado pela conurbação o autor destaca na conclusão de seu trabalho: “Todavia, há enorme defasagem entre nosso excesso de desenvolvimento tecnológico e o subdesenvolvimento social” (Idem, p. 437).

37. Cf. ASSMANN, H. & MO SUNG, J., *Competência e sensibilidade solidária, educar para a esperança*, Petrópolis, Vozes, 2000, pp. 305-306.

38. Cf. uma caracterização mais demorada da cidade em CIPOLINI, P. C., *Teologia e pastoral da Igreja na cidade*, REB 55 (1995), pp. 591ss.

*secularização*, o *individualismo* crescente, aumento da *exclusão social* com a conseqüente desumanização e a *desespiritualização*.

### **Secularismo**

O avanço do processo de secularização é uma das principais características do mundo urbano. A secularização tem seu aspecto positivo, mas quando se torna secularismo (materialismo) é diferente, pois deslegitima a religião<sup>39</sup>. A Igreja assume o processo de secularização, no sentido de uma legítima autonomia do secular como justo e desejável, conforme entende o Vaticano II. Porém a passagem para a civilização urbano-industrial, considerada não em abstrato, mas em seu real processo histórico ocidental, é inspirada na ideologia do secularismo que volta as costas a Deus e lhe nega a presença na vida pública<sup>40</sup>. O Vaticano II na verdade não andou na direção de propor a reconstrução da “*societas christiana*”, medieval. Por outro lado, porém, não deixou entregue ao parecer de cada um a escolha dos caminhos para colocar “alma” na cidade terrena. A indicação do Vaticano II é no sentido de restituir aos homens a fé no Evangelho da vida, fazendo deles seguidores de Jesus Cristo e construtores do Reino. O secularismo dá por superada toda forma de cristianismo.

### **Individualismo**

A subjetividade foi o núcleo da modernidade. E agora, o individualismo é um dos mais fortes apanágios da pós-modernidade. Não se pode negar o aspecto positivo do individualismo, que é a emancipação do indivíduo, a revelação do universalismo da dignidade humana de cada pessoa. Porém, o individualismo é um dobrar-se sobre si mesmo, alienando-se dos problemas e preocupações religiosos, políticos ou históricos, que lhe transcendem o Eu<sup>41</sup>.

39. Tomamos secularização aqui na acepção que lhe dá Menozzi: “A passagem de uma ótica de tipo divino-institucional a outra de tipo mundano-contratual na definição do fundamento e legitimação das regras de convívio humano, tanto na sociedade considerada em seu todo como nos indivíduos em particular”, MENOZZI, D., *A Igreja Católica e a Secularização*, São Paulo, Paulinas, 1999, p. 16.

40. PUEBLA, 83 e 431.

41. Cf. LIBÂNIO, J. B., *A vida religiosa na crise da modernidade brasileira*, São Paulo, Loyola/CRB, 1995. Nesta obra, às páginas 43-44, o autor faz uma síntese da crise que carrega no seu bojo a destruição de valores, o capitalismo como cultura e a anti-solidariedade entre outras características.

“Na sociedade individualista realiza-se um processo de dessacralização. Doravante não há mais leis sagradas nem nas relações do mundo material, nem nas relações entre as pessoas na sociedade. Tudo está à livre disposição do ser humano”, é assim que J. Comblin sintetiza o trágico do individualismo da pós-modernidade. Dois valores servem para definir o humano: utilidade e rentabilidade. A sociedade caminha para atingir o ápice do individualismo<sup>42</sup>. O indivíduo está atado à sua subjetividade, às suas experiências, como critério de verdade e de agir; na “*hermenêutica moderna, o sujeito interfere na constituição mesma da verdade*”<sup>43</sup>.

### **Exclusão social/desumanização**

A década de 90 foi marcada pela exclusão social que se visibilizou de forma acelerada. O papa João Paulo II vem denunciando, desde o início de seu pontificado, a brecha crescente entre ricos e pobres<sup>44</sup>. Aumenta a exclusão social e a conseqüente desumanização que isto acarreta. A desigualdade, o desemprego, a redução dos gastos sociais formam um quadro social dominado pela cultura do mercado. Comprar e consumir é a lei, quem não pode fazê-lo está excluído. Hugo Assmann e Jung Mo Sung, em seu livro já citado, especificam bem o conceito de exclusão social<sup>45</sup>. O neoliberalismo é uma concepção radical do capitalismo que absolutiza o mercado até converte-lo em meio, em método e fim de todo comportamento humano inteligente e racional. O mercado absolutista não aceita nenhuma forma de regulamentação, nem restrições financeiras, leis trabalhistas, tecnológicas ou administrativas<sup>46</sup>. O neoliberalismo reforça a

---

42. COMBLIN, J., *Vocação para a liberdade*, São Paulo, Paulus, 1998, p. 144. O autor faz descrição e análise do *cientismo*, o que ajuda a compreender também esta característica da era moderna (cf. pp. 159ss). Cf. também, do mesmo autor, *O neoliberalismo, ideologia dominante na virada do século*, Petrópolis, Vozes, 2000, pp. 49ss.

43. LIBÂNIO J. B. & MURAD, A., *Introdução à Teologia. Perfil, enfoques, tarefas*, São Paulo, Loyola, 1996, p. 152.

44. Cf. Encíclica *Solicitudo Rei Socialis*, ns. 14-16. O papa João Paulo II emite um juízo severo sobre os mecanismos que geram a pobreza crescente, declarando-os mecanismos perversos ou estruturas de pecado. Idem, n. 40.

45. Cf. em *o. c.*, pp. 90ss.

46. Cf. JESUÍTAS, *O neoliberalismo na América Latina*, São Paulo, Loyola, 1996, p. 19.

desigualdade, a injustiça e a exclusão social, constatável de forma mais evidente nas grandes cidades, onde a massa de miseráveis aumenta em contraste com o luxo de uma minoria. Aumenta a insensibilidade e a desumanização dos ambientes urbanos devastados pela violência.

### **Desespirtualização**

*“A modernidade colocou a utopia humana no lugar de Deus; a pós-modernidade colocou o pequeno burguês no lugar da utopia”*, desta maneira, Gonzáles Faus<sup>47</sup> resume de forma lapidar o que vivenciamos principalmente nos grandes centros urbanos. Coincidindo com o fim do milênio e início deste novo, está terminando também os três séculos da “modernidade”. Nesta fase o Ocidente substituiu a inspiração cristã pela ideologia: o homem se liberta por si mesmo. A falência das ideologias faz renascer a necessidade de espiritualidade, necessidade inerente ao próprio viver humano. Um “rumor de anjos”, como caracterizava Peter Berger, a volta do sagrado, a busca do religioso na pós-modernidade é uma reação. Termina uma maneira de viver na auto-suficiência e começa outra na busca de uma fé que não desiluda. Porém a caminhada é longa e cheia de obstáculos. O neoliberalismo só deixa espaço para uma religião e uma espiritualidade fundamentalista, cheia de certezas e de soluções imediatas para problemas do dia a dia. É contrário a uma espiritualidade libertadora. Há uma busca pelo sentido da vida, mas o que se pode oferecer é uma espiritualidade “light” que não satisfaz<sup>48</sup>. Permanece o vazio angustiante do homem pós-moderno.

---

47. *Desafio da pós-modernidade*, São Paulo, Paulinas, 1996, p. 25.

48. A Nova Era (New Age) não tem lugar para Jesus Cristo e nem mediação histórica. É uma interiorização sem exteriorização, o indivíduo se redime sozinho. Ela é o apogeu da modernidade na sua pior dimensão. Já no cristianismo, o fundamento do misticismo é a relação com Deus como pessoa. Cf. SCHILLEBEECKX. *Sono um Teólogo Felice, colloqui com Francesco Strazzari*, Bologna, Dehoniane, 1993, pp. 56-57.

### 3.2. Que modelo de Igreja para esta “civilização urbana”?

No início deste terceiro milênio, a Igreja também está em processo de transformação, não obstante o que muitos chamam de “involução eclesial”<sup>49</sup>. As mudanças necessárias se farão certamente, pois são inevitáveis<sup>50</sup>. O que é necessário para a Igreja, em meio à crise atual, é manter-se aberta à ação do Espírito Santo e conseqüentemente, manter suas portas abertas. Neste sentido devemos insistir na necessidade de conversão permanente, reconhecendo os erros feitos no passado, e enfrentando as novas tarefas. Nesta situação difícil a Igreja sofre duas tentações: o *isolamento*, volta às catacumbas ou aos guetos, confundidos com “pequena grei”, ou de outra parte a  *fusão* numa tentativa infrutífera de volta à cristandade<sup>51</sup>. O mais importante não será marcar fronteiras, para saber com exatidão quem sai da Igreja e quem volta para ela, mas construir pontes, que ajudem as pessoas a fazerem a experiência do mistério de Deus.

De fato a Igreja na atualidade sofre inúmeros questionamentos, fala-se em um novo tipo de cristão: o *cristão não eclesial* ou sem Igreja, é o “terceiro homem”, como o denomina Roustang<sup>52</sup>. O afastamento da Igreja não se dá mais na forma de oposição ou abandono público, mas na forma discreta e tranqüila do desinteresse: “*hoje o desafio não é a heresia, mas a indiferença*”<sup>53</sup>. “*Estamos em uma época de desafeição eclesial*”, como acentua A. Barreiro, aceita-se a religiosidade mas não a eclesialidade. Em uma dimensão mais ampla, J. Comblin explica o fenômeno: “*A sacralização da ideologia neoliberal, imposta como único caminho possível para a sociedade humana corresponde ao processo global de secularização da cristandade. O mercado é substituto secularizado da Igreja. Fora do mercado não há salvação*”<sup>54</sup>.

49. Cf. GONZÁLES FAUS, em *o. c.*, p. 53.

50. Cf. RAHNER, K., *Estruturas em mudança, tarefa e perspectiva para a Igreja*, Petrópolis, Vozes, 1976; BUHLMANN, W., *A Igreja no limiar do terceiro milênio*, São Paulo, Paulus, 1994; TINCQ, H., *Desafios para el papa del tercer milenio*, Santander, Sal Terrae, 1998.

51. TEPE, V., *O sonho do Rei*, Petrópolis, Vozes, 1991, pp. 56-57.

52. Cf. ROUSTANG, F., *Le troisième homme, Christus 13* (1965), pp. 561-567.

53. BORAN, J., *Os desafios pastorais de uma nova era*, São Paulo, Paulinas, 2000, pp. 79-80.

54. Cf. em *O neoliberalismo. Ideologia dominante na virada do século*, p. 130.

Em meio a esta rejeição muitas vezes camuflada, a Igreja é desafiada a radicalizar no essencial: voltar ao Evangelho para ser missionária em favor do Reino, confiando unicamente na força do Espírito Santo. Configura-se para o futuro uma Igreja peregrina, que caminha na força do Espírito para a realização do Reino de Deus. Para realizar melhor esta sua missão ela deverá ser uma Igreja “**comunicante**”<sup>55</sup>. Se a Igreja não retomar a bandeira da utopia - leia-se do Evangelho - não lhe sobrarão no Ocidente outra tarefa a não ser a de “*calmante para pós-modernos deprimidos*”<sup>56</sup>. A Igreja do novo milênio deve apresentar-se sempre mais como a comunidade do Evangelho, testemunhado com a vida, como forma suprema de realização humana. Em uma pergunta que faz à Igreja, o irmão Roger Schutz resume todo um programa de ação: “*Igreja, te tornarás povo das bem-aventuranças, sem outra segurança que o Cristo, povo pobre, contemplativo, construtor da paz, portador de alegria e de uma festa libertadora para os homens, correndo o risco de ser perseguida por causa da justiça?*”<sup>57</sup>.

Esta transformação pela qual a Igreja deve passar, de certa forma já se iniciou com o Concílio Vaticano II que deve ser sempre retomado em sua plenitude conforme o próprio papa João Paulo II indica no término do Jubileu, na virada do milênio: “*Concluindo o jubileu, sinto ainda mais intensamente o dever de indicar o Concílio Vaticano II como a grande graça de que se beneficiou a Igreja no século XX: nele se encontra uma bússola segura para nos orientar no caminho do século que se inicia*”<sup>58</sup>. O mesmo papa que deseja

55. KEHL, M., *Dove va la Chiesa. Una diagnosi del nostro tempo*, Brescia, Queriniana, 1998, pp.136-137. Por Igreja comunicante entende-se uma Igreja que está no mundo mas não é do mundo, ou seja, dialogante, transmissora da esperança, aberta ao ecumenismo, misericordiosa, defensora da justiça do Reino mas ao mesmo tempo kerigmática e mística, que sabe beber na sua própria fonte: o Mistério Trinitário. A comunicação serve de conduto igualador entre a pessoa, a comunidade e a divindade. A comunicação verdadeira é pois aquela que irmana estas três realidades (eu, tu, Deus). Uma boa prospectiva sobre o futuro da Igreja encontra-se em: BOFF, C., *Uma Igreja para o próximo milênio*, São Paulo, Paulus, 1998.

56. Cf. GONZÁLES FAUS, em o. c., p. 77.

57. Cf. em Taizé. *Il Concilio dei giovani. Perché? Guornalisti e giovani rispondono*, Brescia, Morcelliana, 1975, p. 104.

58. JOÃO PAULO II, *Novo Millennio inuente*, n. 57.

sugestões para uma nova forma de exercício do ministério petrino<sup>59</sup>, profetiza um novo tempo, uma nova primavera para a Igreja<sup>60</sup>.

Mais do que nunca a Igreja é chamada a olhar para sua origem a fim de compreender qual seu caminho para o futuro, isto porque a Igreja atual e sua autocompreensão não são obra do nosso presente, ela não pode se construir segundo as necessidades de uma época e os interesses dominantes. A Igreja nos é transmitida (*traditio*) desde longa história: deve sua existência e essência ao evento histórico de Jesus Cristo, de sua pregação do Reino, sua morte, ressurreição e envio do Espírito Santo. Por isso a Igreja do presente que se apóia, em sua autocompreensão e auto-realização nesse fundamento histórico, deve estar sempre em sintonia e continuidade histórica com ele<sup>61</sup>. Ora, ao examinar a origem da Igreja concluímos que seu fundamento é Jesus Cristo, pedra angular deste edifício cujas colunas são os apóstolos.

Jesus é o paradigma da Igreja. Quanto mais semelhante a ele, mais autêntica ela será em seu ser e missão: Jesus amou a Igreja e se entregou por ela (Ef 5,25). Jesus é o salvador, o messias, mas que salvação e que messianismo pregou Jesus? É importante esta pergunta, porque da missão de Jesus brota a missão da Igreja. Jesus optou pelo messianismo de crítica social profética, que leu na visão dos empobrecidos e em várias passagens de Isaías. Ele pregou o perdão que há de gerar perdão, pregou a misericórdia do Abbá que é capaz de gerar misericórdia nas relações humanas e criar comunhão<sup>62</sup>. Podemos sintetizar a partir das bem-aventuranças e do Pai nosso, a pregação de Jesus como *misericórdia* (perdão/cura) e *comunhão* (justiça/salvação)<sup>63</sup>. Jesus veio para nos libertar, ser livre é a vocação do homem

59.Cf. *Ut unum sint*, n. 95

60.“Se fizerdes estas coisas, sereis verdadeiramente um sinal da primavera que o Espírito Santo está preparando para a Igreja”, JOÃO PAULO II, em *Osservatore Romano* (edição portuguesa) n. 20 (19.05.2001), p. 9.

61.Cf. KEHL., M., *A Igreja, uma eclesiologia católica*, São Paulo, Loyola, 1997, p. 54.

62.Cf. RESENDE, J., *Abbá Pai, o Deus de Jesus é diferente*, São Paulo, Loyola, 1999, pp. 55-56.

63.Albert Nolan, em *Jesus antes do cristianismo*, São Paulo, Paulinas, 1988, afirma que Jesus pregou uma solidariedade amorosa, que não exclui ninguém, uma solidariedade fundamental capaz de criar comunhão (p. 94) e ao mesmo tempo ensinou que a verdadeira fé não é possível sem compaixão (p. 124). O Reino pregado por ele é Reino de amor-serviço e fraternidade.

que Jesus quis despertar. Mas foi a compaixão pelo outro escravizado que despertou Jesus para a liberdade, assim ele nos mostra que a liberdade está no serviço ao próximo<sup>64</sup>. A vocação para a liberdade é a novidade do Evangelho de Cristo, a conclusão final de toda a história bíblica, o fundamento da nova existência para a humanidade toda. A liberdade que brota do amor-serviço-misericordioso leva à comunhão. Somente seres livres podem formar comunidade.

A misericórdia nos leva ao coração da ética do sermão da montanha. “*É pois a misericórdia a estrutura fundamental do humano e do cristão*”<sup>65</sup>. A misericórdia é a forma mais radical do “*ágape*” cristão. O novo deverá ser um século feminino, afirma C. Boff, misericórdia é o amor materno, é Deus pai que nos ama com amor de mãe (Mt 9,36). Sem dúvida a Igreja é chamada a ser no mundo urbano um sinal eficaz da misericórdia de Deus manifestada em Jesus Cristo. Porém, a cultura dominante rejeita a misericórdia como fraqueza, por isso, ser misericordioso na pós-modernidade é um desafio tremendo, é remar contra a corrente: “*A misericórdia desafia a implacabilidade do sistema e afirma que é possível e necessário um mundo diferente*”<sup>66</sup>. Porém, ao mesmo tempo em que o sistema rejeita a misericórdia como práxis existencial, as pessoas sentem, talvez inconscientemente, uma falta muito grande de receber misericórdia e de exercê-la também. Daí a atração que o voluntariado começa a exercer sobre a sociedade atual. Mas a misericórdia que a Igreja é chamada a pregar e viver ultrapassa qualquer planejamento humano e vai buscar sua explicação no ser do próprio Deus (Lc 6,36).

A outra característica é a comunionalidade. Não há Igreja sem comunhão. Em um mundo dominado pelo individualismo, a tentação é fazer uma Igreja virtual, onde o exercício da comunhão fique mais simbólico do que real. Mas faz parte da essência da Igreja a comunidade, aliás se a vocação do cristão é para a liberdade (Gl 5), a liberdade convoca para a comunidade. Ninguém é libertado para viver no egoísmo, pelo contrário, para viver no amor. A Igreja dos primeiros

64.Cf. COMBLIN, J., *Vocação para a liberdade*, São Paulo, Paulus, 1998, p. 40, onde o autor vai dizer que o apóstolo Paulo vai traduzir Reino de Deus por liberdade, mais compreensível para a cultura helênica que ele missionava (cf. p. 43).

65.SOBRIÑO, J., *Princípio misericórdia*, Petrópolis, Vozes, 1994, p. 265.

66.AGUIRRE, A., *Raíces bíblicas de la fe cristiana*, Madrid, PPC, 1997, p. 45.

séculos era uma rede de pequenas comunidades espalhadas pelo Império Romano que pretendiam ser a “Assembléia de Deus”, preocupados com a unidade e a construção de um mundo novo<sup>67</sup>. As dificuldades são grandes, porque “a cidade atual está longe de realizar o sonho da comunidade, a cidade-mercado isola os cidadãos no seu individualismo”<sup>68</sup>.

Formar comunidade em uma situação como a nossa é algo desafiador, mas é a tarefa mais urgente e necessária: fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão, este é o grande desafio para o milênio que se inicia, assinala o papa João Paulo II<sup>69</sup>. Nada caracterizará mais, portanto, o despertar eclesial no início do milênio, que o florescimento de comunidades que vivam e propaguem a liberdade evangélica: “As pessoas, em relação interpessoal e intersubjetiva, são o elemento primário e fundamental da comunidade em geral, e por conseguinte também o são da comunidade dos irmãos, da congregação dos fiéis, da comunhão dos santos. Essa profunda experiência, mais sentida do que sabida, tem estado e deverá estar na própria base da renovação social e eclesial para o Terceiro Milênio”<sup>70</sup>. A perspectiva que se descortina para a Igreja do futuro imediato, para muitos é a perspectiva da Igreja da diáspora, a Igreja abraâmica ou peregrina comparável ao seu percurso nos dois primeiros séculos. Em meio ao Império Romano, que era contrário aos valores evangélicos, as comunidades sobreviveram em ilhas de vida evangélica no ventre do monstro<sup>71</sup>.

Nesta perspectiva de formar comunidades, o que se descortina é uma rede de pequenas comunidades dos mais variados matizes, unidas pela força do Batismo, Evangelho, Eucaristia e Missão, como no primeiro século da era cristã<sup>72</sup>. Neste sentido vale lembrar o Concílio Vaticano II quando fala da Igreja Doméstica (LG 11). Inte-

67.Cf. MEEKS, W., *Os primeiros cristãos urbanos. O mundo social do apóstolo Paulo*, São Paulo, Paulinas, 1992, pp. 275-277.

68.COMBLIN, J., *Viver na cidade, pistas para a pastoral urbana*, São Paulo, Paulus, 1996, p. 39.

69.Cf. *Novo Millennium ineunte*, n. 43.

70.PARRA, A., *A Igreja na América: o que está por fazer?* em AA.VV., *Globalizar a Esperança*, São Paulo, Paulinas, 1998, p. 199.

71.Cf. COMBLIN, J., *Desafio aos cristãos do século XXI*, São Paulo, Paulus, 1999, p. 22.

72.Cf. BRANICK, V., *A Igreja Doméstica nos escritos de Paulo*, Paulus, São Paulo, 1994.

ressante notar que a família como espaço primeiro da comunidade, capaz de transformar a realidade para melhor, não é somente uma aspiração da Igreja: “*Na verdade, acredito que a reconstrução das famílias sob formas igualitárias seja o alicerce necessário para a reconstrução da sociedade pela base*”<sup>73</sup>. A sociedade urbana, dilacerada pelo sistema, não é favorável à família.

Enfim, o modelo da Igreja no mundo urbano deverá ter características que brotem da fonte que é o Evangelho de Jesus Cristo nestas duas vertentes interligadas: *misericórdia* entendida como perdão e cura (ou solidariedade) que liberta para a *comunhão*, entendida como justiça e salvação. Estas normas devem ser irrenunciáveis na hora de nortear a caminhada da Igreja na cidade, devem ser irrenunciáveis mesmo que isto custe<sup>74</sup>. Misericórdia e comunhão são a tradução do Evangelho para uma sociedade regida por uma economia sem coração, geradora de divisão e competição que destroem os valores do Reino de Deus. A Igreja, que, com o Vaticano II entrou na modernidade com séculos de atraso ou hesitação, é chamada a fazer hoje mudanças muito mais rápidas e em tempo mais curto. Vista como pura instituição ela não tem seu futuro garantido, mas para quem crê, ela é sacramento da presença de Deus na História, ela guarda o “carisma de Jesus” e o perpetua, para quem crê a Igreja é a visita de Deus aos homens<sup>75</sup>.

**Análise referencial de articulação eclesial deste modelo projetado:** Do ponto de vista histórico, está surgindo ainda este novo modelo, pode-se dizer que está sendo gestado no seio das Igrejas nas grandes cidades, a partir do crescimento da consciência dos cristãos leigos no referente à co-responsabilidade eclesial. O recrudescimento do sistema neoliberal, na década de noventa, desafia a Igreja na cidade para utilizar os vários elementos de uma pastoral

73. CASTELLS, M., *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, v. 3, São Paulo, Paz e Terra, p. 426.

74. “As principais igrejas, praticando uma forma de religião secularizada dependente ora do Estado, ora do mercado, perdem muito de sua capacidade de impor normas de conduta em troca de conforto espiritual e da venda de um lote no céu”, CASTELLS, M., *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, v. 2, Paz e Terra, São Paulo, 1999, p. 417.

75. LIBÂNIO, J. B., *A Igreja contemporânea. Encontro com a modernidade*, São Paulo, Loyola, 2000, p. 188.

própria das cidades que já está presente, de modo desarticulado, porém, devido à não aceitação do novo que irrompe. A aliança ou base social será o homem da cidade, o homem ciberespacial, o cristão inquieto vocacionado à liberdade e desafiado a lutar pela sobrevivência. O modelo de sociedade é a de uma sociedade solidária, onde se luta pela preservação e manutenção da vida em todos os sentidos. O capitalismo criou uma cultura do eu sem o nós. O socialismo criou uma cultura do nós sem o eu, agora precisamos de uma nova civilização participativa, baseada no amor. A ideologia deverá ser o “solidarismo”. O sistema dominante estimula a competição nas cidades, mas sem solidariedade não haverá possibilidade de sobrevivência. A estrutura de base estará nas comunidades pequenas associadas entre si<sup>76</sup>. A cidade destrói os tecidos comunitários através da secularização das relações e da burocratização. Por isso, nas cidades está em jogo o futuro da Igreja como comunidade. São importantes os “pólos missionários” e as associações, assim como a valorização da família, como estímulo à vida comunitária.

A posição política continua sendo libertadora, principalmente o empenho pela libertação do pobre e excluído. O posicionamento social da Igreja na cidade será de conscientização em favor dos valores do Reino. A Igreja tem de ser referencial de justiça na cidade, ademais, ela deve insistir em propor e viver os padrões do Reino na cidade. A metodologia deverá ser a “revivescência” ou seja a revitalização de elementos cristãos adormecidos<sup>77</sup>. Quanto às relações internas, se pautarão pela co-responsabilidade, colegialidade e subsidiariedade traduzidas como comunhão e participação. “*Neste contexto de modernidade, a excessiva centralização institucional é um suicídio para as Igrejas*”<sup>78</sup>. O bispo será o coordenador da unidade na diversidade, ajudado pelo presbitério. O leigo será o missionário por excelência no “ventre do monstro”, a exemplo de Jonas em Nínive. Esta missão vai ser inculturada e diversificada, visando

76. “O modelo é de redes de comunidades e de Igrejas Locais”, VALLE, R., *Da modernidade triunfante à modernidade excludente: novas formas de vida na cidade*, em: FERNANDES, J. C., (org.), *A presença da Igreja na cidade II*, Petrópolis, Vozes, 1997, p.19.

77. Cf. COMBLIN, J., *Pastoral Urbana, o dinamismo na evangelização*, Petrópolis, Vozes, 1999, p. 24.

78. Cf. VALLE, R., em. *o. c.*, p. 19.

evangelizar as entidades presentes na cidade, com todos os meios disponíveis. É desnecessário frisar a importância do ecumenismo e do diálogo com as outras denominações religiosas. A linha pastoral deverá ser a evangelização de todos os ambientes, a evangelização da vida social através de inúmeras iniciativas.

A Teologia inerente a este modelo emergente é a Teologia da misericórdia, da compaixão. A cidade gera vencedores e vencidos, aos vencedores ela dá tudo, aos vencidos ela nada permite, tudo lhes é tirado. À Igreja compete, seguindo o caminho de Jesus, estar do lado dos vencidos. Na cidade trava-se um combate: o crescimento dos sinais desumanizantes e a reação da parte sadia da cidade na preservação do futuro humano e sensato das pessoas. A Igreja vai se empenhar em preservar a humanidade da cidade. A liturgia deve ser inculturada, celebrando a fé e a vida, levando em conta a pedagogia dos sinais e a busca de beleza, que o homem da cidade empreende sem cessar<sup>79</sup>. A leitura da Bíblia se fará junto com o jornal, interpretando os sinais dos tempos para a cidade a partir do Evangelho. A partir da ótica do amor infinito de Deus manifestado em Jesus pode vir paz e segurança para o homem da cidade. A moral deve levar em conta a pessoa e a comunidade, mas sobretudo não deve perder de vista o destino do homem e do mundo (ecologia) a partir da boa-nova de Jesus Cristo. A espiritualidade será radicada em Jesus Cristo e a partir dele o cristão deve descobrir-se um místico, capaz de demonstrar que a salvação vem de um Deus distinto de nós, como gratuidade não negociável e que, enquanto religião místico-sacramental, deve mostrar como se realiza em âmbito histórico, precisamente na cruz, a ação de Deus<sup>80</sup>.

## Conclusão

Como já foi dito, nenhum modelo é perfeito e nenhum modelo emerge em estado puro. A Igreja é sempre a mesma, porém a reali-

79. "Em quest'ordine di idee, mi pongo la domanda se noi utilizziamo a sufficienza quella porta che conduce a Dio e che si chiama bellezza. Dio infatti è Verità, Salvezza e perfezione morale, ma anche bellezza". Cardeal G. DANNEELS, intervenção durante o Consistório Extraordinário de 21-24 de maio 2001, em *ADISTA* n. 42, p. 3.

80. Cf. FELLER, V., *Fé cristã e pluralismo religioso*, Petrópolis, Vozes, 2001, pp. 53 e 84. Cf. também CAROZZO, C., *Mística e crise das instituições religiosas*, em *Concilium* 254 (1994), pp. 31-42.

dade na qual está imersa, exige dela uma adaptação constante, com a finalidade de se fazer ouvir e compreender, na sua índole essencialmente missionária (LG 17). O teólogo alemão Medard Kehl faz um prognóstico que leva a crer no tanto que a Igreja terá, em nossos dias, que morrer para velhas formas de ser Igreja. Muitos aspectos sociológicos deverão desaparecer para que surja com mais brilho, a novidade do Espírito que a Igreja anuncia. A experiência de Igreja será vivida, antes, em “pontos de cristalização”, do que em um sistema paroquial territorial. É a Igreja dos círculos concêntricos<sup>81</sup>. Enfim, por mais que os modelos assumam características diversas, todos são originários das duas tradições que marcam a existência da Igreja desde os primeiros momentos de sua história: o modelo “sacerdotal” (institucional) e o modelo “profético” (carismático), cada um com características próprias nas diversas áreas. É a Igreja dos sacerdotes marcada pela axiologia da tradição sacerdotal, e a Igreja dos profetas marcada pela axiologia da tradição profética. Muitas vezes predomina um, outras vezes outro modelo. Podem também coexistir numa tensão dialética. “*Porém, o mais importante é ter em conta que a experiência de fé em Cristo e a práxis do Reino e sua justiça, são o núcleo e a condição de validade de qualquer modelo de Igreja*”<sup>82</sup>.

Usando uma linguagem antiga, esta Igreja da misericórdia deverá reagir à exclusão e ao desespero, sendo kerigmática, (**kérigma**) anunciando o amor-serviço sem desfalecer e diácona (**diakonia**) colocando-se a serviço do direito e da justiça em especial defendendo os fracos, pobres e excluídos. Esta Igreja comunal, deverá reagir ao secularismo e ao individualismo, tendo um rosto fraterno (**koinonia**), testemunhando (**martiria**) com sua própria vida a radicalidade da proposta do Evangelho. Em uma sociedade que propõe uma “religião invisível”, a pregação se fará, primeiramente, com o testemunho de vida em Cristo como apontou Paulo VI<sup>83</sup>. O caminho do martírio para a Igreja corresponde a uma renovada exigência

81.Cf. *Hacia donde va la Iglesia?* em *Selecciones de Teología* 138 (1996), pp. 83-92.

82.Cf. MARTÍNEZ DIEZ, F., *Hacia una Iglesia profética y confesante*, em *ITER - Revista de Teología, enero / junio* (1997), pp. 145-159.

83.Não é supérfluo, talvez, recordar o seguinte: evangelizar é, em primeiro lugar, dar testemunho, de maneira simples e direta, de Deus revelado por Jesus Cristo, no Espírito Santo. *Evangelii Nuntiandi*, n. 26.

de espiritualidade que surge no desdobramento da época moderna. Trata-se de retornar ao primado de Deus na fé. Para isto necessita-se de cristãos adultos e prontos a darem a razão de sua esperança<sup>84</sup>. A cidade é uma realização do homem, nela tudo foi produzido por ele, a sensação é de que não há necessidade de Deus, por isso o desafio é maior para se falar de Deus na cidade.

A sociedade atual estimula relações pessoais de dependência, falta de estabilidade e competição incessante em um clima de *stress* crescente. Ser Igreja nesta situação é tornar a Igreja comunidade habitável, acolhedora, atraente, onde se sente acolhido, respeitado, reconciliado pessoalmente na caridade fraterna. As Igrejas burocratizadas, racionalizadas, perdem a capacidade de responder às expectativas de dar um sentido á vida das pessoas. Na Igreja todos devem encontrar, casa, pão e fraternidade. O único valor que conta para o cristão é o amor-serviço em meio a um sistema egoísta, por isso a palavra de ordem para a Igreja será: “*Coloquem-se a serviço uns dos outros através do amor*” (Gl 5,13), aí se encontrará a liberdade para a qual Cristo nos libertou, e que é missão da Igreja anunciar a todos os povos, a partir da Páscoa e de Pentecostes. A Igreja é aquela realidade posta para todos os homens para manter aberta a porta da eternidade<sup>85</sup>. Por isso João Paulo II reconhece que o homem é o caminho da Igreja<sup>86</sup>.

É com os olhos amorosos de seu senhor voltados para a humanidade sofredora, que a Igreja vai descobrindo qual a maneira de ser, que melhor possa comunicar Cristo à cidade, Expresso aqui a opinião do Pe. Bernard Häring, em duas indicações que podem ser úteis para delinear o rosto da Igreja do terceiro milênio conforme assinaei acima: quanto à Igreja da misericórdia: “*A nova evangelização, de que se fala atualmente, deve ter um único rosto: o do Cristo, Servo sofredor e não-violento*”. Quanto à Igreja da comunhão: “*Creio que*

84.FORTE, B., *Dove va il cristianesimo?* Brescia, Queriniana, 2000, pp.150-151. Cf. JOÃO PAULO II, *Novo millenio inuente*. Em seu livro *Desejo de Deus. Diálogo entre psicanálise e fé*, Petrópolis, Vozes, 2000, pp. 137-142, Juan Guillermo Droguett, desenvolve em 7 itens o que poderia ser um conteúdo básico do rico patrimônio da fé cristã a ser transmitido para o homem da cidade, de forma compreensível.

85.AA.VV., *Si può amare la Chiesa?* Milano, Ancona, 2000, p. 29.

86.*Redemptor hominis*, n. 22.

*uma comunidade centrada na Eucaristia, possui força de cura... creio de modo radical na tarefa de curar confiada por Jesus aos seus discípulos” (Lc 10,9)<sup>87</sup>.*

Existe um tipo de pastoral na cidade que está ultrapassado: a pastoral de resultados, funcionalista e centralista. A pastoral da Igreja na cidade exige o esforço conjunto dos evangelizadores, para integrar evangelização, sacramentalização e pastoral social. Levando-se em conta que a cidade é policêntrica, torna-se necessário compreender a dinâmica de cada cidade para poder evangelizá-la. Algo porém já começa a se firmar como orientação para a Igreja na cidade: *“Uma só Igreja com muitos e diversos endereços”*.

Por fim, a pastoral nas cidades grandes deve *“...chamar Cristo de onde estiver para que ande entre nós de novo. Se não vier, seremos todos feras perdidas em um matadouro, esperando pelos magarefes”<sup>88</sup>*. Não devemos fazer do êxito o mais importante nesta tarefa de evangelizar a cidade, mas o mais importante é manter sempre uma confiança incondicional e inabalável<sup>89</sup> na força que vem daquele que disse: *“Eu estarei sempre em vosso meio até o fim dos tempos”* (Mt 28,20).

***O Cônego Pedro Carlos Cipolini é Doutor em Teologia Sistemática pela Universidade Gregoriana de Roma, Professor de Ecclesiology e Mariologia, desde 1986, no ITCR da PUC-Campinas e Reitor da Basílica N. Sra. do Carmo no centro de Campinas. E-mail: cipolini@uol.com.br***

87.Cf. SALVOLDI, V., *Häring, uma autobiografia à maneira de entrevista*, São Paulo, Paulinas, 1998, pp. 173 e 160. Há indicações de eixos para nortear a existência da Igreja na cidade. Acho bastante válidos os eixos: presença pública na cidade, espiritualidade do cristão e Igreja como rede de comunidades. Cf. LIBÂNIO, J. B., *Missão da Igreja na cidade – Pastoral Urbana*, em FERNANDES, J. C. (org.), *Presença da Igreja na Cidade*, Petrópolis, Vozes, 1997, p.71.

88.WEST, *A Eminência*, Rio de Janeiro, Record, 1999, p. 262.

89.Cf. KÜNG, H., *Mantener la esperanza. Escritos para la reforma de la Iglesia*, Madrid, Trotta, 1993, p. 164.